

Prefácio

Por Isabel Stilwell

Quando me convidaram para fazer o prefácio deste livro, fiquei intimidada. Como escrever sobre um livro reconhecido como um dos maiores romances ingleses do século xx? Como escrever sobre o grande D. H. Lawrence, famoso pelos seus livros polémicos e pela sua escrita marcante?

Fiquei a pensar que, para muitos dos leitores, a reação ao pegarem neste livro corre o risco de ser a mesma. Talvez pelo trauma dos livros obrigatórios da escola, tendemos a caracterizar os grandes clássicos como leituras difíceis. Temos medo, acima de tudo, de não percebermos, até de não gostarmos, sentindo-nos obrigados a elogiar o livro como quem elogia as «roupas» do rei que vai nu, com receio de parecermos menos inteligentes.

Mas se olharmos para as intenções de Lawrence, e para o contexto em que escreveu este livro, percebemos rapidamente que *Mulheres Apaixonadas*, uma sequela do seu livro mais conhecido, *O Arco-Íris* — livro que foi banido em Inglaterra por obscenidade, destruindo a sua reputação e tornando impossível arranjar quem o publicasse de novo —, vem de um lugar de total liberdade em relação ao mundo da «literatura» e dos «intelectuais». É, como o próprio autor confessou a um amigo, «o livro da minha alma livre». Sem dinheiro, com uma saúde precária, casado com uma mulher suspeita de ser espia alemã, Lawrence sentiu que não tinha nada a perder. E esse é o melhor ponto de partida para uma obra capaz de romper com o colete de forças que, para a maioria dos autores, representa a opinião dos outros, o juízo da crítica.

Mulheres Apaixonadas, que começou por ser editado nos Estados Unidos, e mesmo assim numa edição privada, é um livro que deve ser lido com a mesma liberdade com que foi escrito. Um livro que ora nos causa repulsa, ora nos apaixona. Um livro que cria no leitor exatamente o mesmo tipo de relação que Lawrence retrata entre as suas personagens: paixão e ódio, repulsa e atração, impulso e racionalidade. Onde a única coisa que é verdadeiramente desprezada é não sentir nada.

É um livro onde as personagens não têm filtro e dizem o que sentem — as irmãs Gudrun e Ursula, apaixonadas por homens completamente diferentes um do outro, mas que sentem uma enorme atração entre si, decorre no contexto de uma Inglaterra anterior à I Guerra Mundial. E é no discorrer dos pensamentos destes anti-heróis que vamos sendo apresentados a várias formas de ver a vida — de perceber o papel da mulher na sociedade, os perigos do industrialismo, a guerra e a paz, mas acima de tudo o amor e a razão por que nascemos e morremos. As quatro personagens principais vão-nos revelando formatos de relações ao tempo escandalosas, pondo em causa tudo o que pensamos saber sobre o que a sociedade espera das mulheres, dos homens, do casamento e das relações homossexuais.

Linha a linha, Lawrence leva-nos da filosofia que questiona as grandes questões metafísicas da existência à futilidade suprema dos costumes da época. Leva-nos da descrição mais bonita e delicada às imagens mais cruas e escuras possíveis. Leva-nos do amor ao suicídio e à solidão.

É como um bolo mil-folhas: numa primeira camada é um romance, a que se sobrepõe um tratado de filosofia, e logo um de antropologia. Não faço ideia de qual das camadas o conquistará, caro leitor, nem qual será a emoção forte que perdurará em si ao virar da última página, mas garanto-lhe que não será nunca a indiferença.

1

Irmãs

Certa manhã, Ursula e Gudrun Brangwen sentaram-se à janela da casa do pai, em Beldover, a trabalhar e a conversar. A primeira bordava com linhas coloridas e brilhantes e a outra desenhava numa prancheta apoiada nos joelhos. Grande parte do tempo mantinham-se em silêncio e só falavam quando um pensamento lhes aflorava à mente.

— Ursula — disse Gudrun —, não tens *mesmo* vontade de te casar? — Ursula pousou o bordado no colo e encarou a irmã com um ar calmo e pensativo.

— Não sei — respondeu. — Depende do que queres dizer.

Gudrun, um pouco perplexa, observou a outra por instantes.

— Ora essa! — exclamou, com ironia. — Só pode haver uma interpretação — continuou, tornando-se mais séria. — Não te parece que melhorarias muito a tua situação?

Uma sombra toldou o rosto de Ursula.

— Não digo que não. Mas não tenho a certeza.

Gudrun calou-se, um pouco irritada. Desejava um esclarecimento mais definitivo.

— Parece-te dispensável a *experiência* do casamento? — indagou.

— E tu acreditas que teria de *ser* uma experiência? — contrapôs Ursula.

— De uma maneira ou de outra, tem obrigação de ser — argumentou Gudrun, friamente. — Talvez não seja uma coisa que se deseje, mas não deixa de ser uma experiência.

— Nem por isso — disse Ursula. — O mais provável é que seja o fim de todas as experiências.

Gudrun deixou-se ficar quieta, a matutar no assunto.

— Sem dúvida — declarou por fim. — Também temos de considerar esse ponto de vista.

Com estas palavras, a conversa interrompeu-se. Gudrun, quase raivosamente, pegou na borracha e apagou parte do desenho que estava a fazer. Ursula entregou-se ao bordado.

— O que pensarias de um bom pedido de casamento? — quis saber Gudrun.

— Já rejeitei vários — replicou a outra.

— Ah sim?! — exclamou Gudrun, corando. — Mas propostas *deveras* convidativas? E tu recusaste?

— Mil libras de rendimento anual e um homem muito simpático. E eu gostava bastante dele.

— Vejam só! E não te sentiste nem um pouco tentada?

— Em teoria, sim, mas, na prática, nem por isso. Quando se chega a esse ponto, uma pessoa não se sente minimamente tentada... Se isso tivesse acontecido, ter-me-ia casado sem mais demora. Senti-me apenas tentada a *recusar*. — E as duas irmãs sorriram, divertidas.

— É extraordinária a tentação que sentimos, de dizer que não! — observou Gudrun. Olharam uma para a outra e riram-se, mas nos seus corações havia medo.

Reinou de novo o silêncio enquanto Ursula bordava e Gudrun continuava a desenhar. As irmãs eram já mulheres feitas: a primeira tinha vinte e seis anos e a segunda vinte e cinco. Possuíam ambas o olhar remoto, virginal, das raparigas modernas, mais irmãs de Ártemis do que de Hebe. Gudrun era muito bela, tranquila, de pele aveludada e membros esguios. Exibia um vestido azul-escuro de seda, com fivelas de renda azul e verde no decote e nas mangas, e meias verde-esmeralda. O seu ar discreto e acanhado contrastava com a sensibilidade expectante de Ursula. Os habitantes da aldeia, intimidados com as maneiras sóbrias e a frontal superioridade de Gudrun, comentavam que ela era «uma mulher distinta». Chegara recentemente de Londres, onde estivera alguns anos a frequentar uma escola de belas-artses e a viver num estúdio.

— Esperava que aparecesse um homem — disse ela, ao mesmo tempo que mordia de súbito o lábio inferior e fazia uma estranha careta, na qual havia qualquer coisa de sorriso malicioso e de expressão atormentada.

Ursula sobressaltou-se.

— E vieste para casa na esperança de o encontrar aqui? — inquiriu esta, e deixou escapar uma gargalhada.

— Ora, não ia desviar-me do meu caminho para o procurar — respondeu com voz estridente. — Mas, se me aparecesse por aí um homem muito atraente e com algumas posses, então... — Calou-se e olhou para Ursula, como que a testá-la. — Nunca te aborreces? — indagou. — Não te

parece que as coisas nunca se concretizam? *Nada se concretiza!* Murcha tudo ainda em botão.

— Mas o quê?

— Oh, tudo... nós mesmas... as coisas em geral.

Fez-se uma pausa, durante a qual as duas irmãs refletiram vagamente sobre o seu destino.

— É assustador — comentou Ursula, e seguiu-se novo silêncio. — Mas esperas chegar a algum lado casando-te?

— Parece-me inevitável ser esse o passo seguinte — retorquiu Gudrun.

Ursula pensou nas palavras da irmã com alguma amargura. Há já alguns anos que dava aulas na Escola Primária de Willey Green.

— É o que se nos afigura quando pensamos no caso em abstrato. Mas, imagina agora um homem a chegar a casa todas as noites, a dizer «Olá!» e a dar-te um beijo...

Ficaram ambas em silêncio.

— Sim — começou Gudrun, com voz sumida —, parece-me impossível. A ideia do homem torna tudo impossível.

— Claro que depois viriam os filhos... — continuou a outra, duvidosa.

A expressão de Gudrun tornou-se dura.

— E desejarias *mesmo* ter filhos, Ursula? — perguntou ela friamente. A irmã mostrou-se confusa, desconcertada.

— Sinto que ainda sou inexperiente para isso — respondeu.

— É o que sentes? Eu não sinto nada quando penso em ter filhos — declarou, e fitou a interlocutora com um ar inexpressivo, semelhante a uma máscara. A outra franziu o sobrolho. — Talvez não tenha sido sincera — continuou Gudrun, titubeando. — Talvez uma pessoa não os deseje na realidade, mas apenas superficialmente. — Carregou o semblante. Não queria dar respostas muito definitivas.

— Quando uma pessoa pensa nos filhos dos outros... — insinuou Ursula.

Uma vez mais, Gudrun olhou para a irmã quase com hostilidade.

— Exatamente — disse ela pondo fim à conversa.

As duas irmãs continuaram a trabalhar em silêncio. Ursula emanava sempre um brilho estranho, proveniente de uma chama medular, aprisionada, enredada, quase discrepante. Vivia muito para si e consigo, trabalhando, deixando correr os dias, entretida com pensamentos, tentando dominar a vida e compreendê-la. Apesar daquela espécie de suspensão da existência, lá no fundo, no escuro, alguma coisa se preparava para surgir.

Se ao menos conseguisse romper os derradeiros impedimentos que a detinham! Tal como uma criança no ventre da mãe, parecia querer estender as mãos. Mas não conseguia, não ainda! Possuía, no entanto, um vago pressentimento, a insinuação do que estava para vir.

Pousou o trabalho e fitou a irmã. Considerava Gudrun tão *encantadora*, tão infinitamente encantadora na sua delicadeza, na sua graça, na adorável perfeição da pele e na pureza das linhas. E também havia nela uma certa jocosidade, com leves toques de sarcasmo, sem deixar de ser naturalmente circunspecta. Ursula admirava-a do fundo do coração.

— Porque voltaste para casa?

Gudrun percebeu que estava a ser admirada. Recostou-se, desviou a atenção do desenho e encarou a irmã.

— Porque voltei, Ursula? — repetiu. — Fiz a mim mesma essa pergunta milhares de vezes.

— E não sabes responder?

— Creio que sei. Imagino que o meu regresso se destina apenas a *reculer pour mieux sauter*.

E brindou Ursula com um demorado olhar experiente.

— Entendo — disse esta, um pouco perturbada e com ar de dissimulação, como se *não soubesse*. — Mas saltar para onde?

— Isso não importa — retorquiu Gudrun com alguma superioridade.

— Se saltamos a vedação, temos de cair em qualquer lado.

— Não é muito arriscado?

No rosto de Gudrun formou-se aos poucos um sorriso de escárnio.

— Ora! — disse ela, rindo-se. — Palavras apenas. — E, uma vez mais, pôs fim à conversa. No entanto, Ursula continuava pensativa.

— E que tal achas a casa, agora que voltaste?

Gudrun refletiu por instantes, antes de responder. Depois, num tom de voz frio e sincero, confidenciou:

— Sinto-me nela como uma estranha.

— E o pai?

Gudrun olhou para a irmã quase com ressentimento, porque não pôde fugir à pergunta.

— Não pensei nele. Tenho-o evitado — respondeu friamente.

— Claro — disse Ursula com voz trémula. E a conversa ficou por ali.

As duas irmãs viram-se confrontadas com um vazio, um pavoroso abismo, à beira do qual tinham acabado de espreitar.

Trabalharam ainda alguns momentos em silêncio. Gudrun estava ruborizada pela emoção reprimida e por ter deixado que os sentimentos a dominassem.

— Vamos lá fora ver o casamento? — sugeriu daí a pouco, num tom de voz demasiado casual.

— Sim! — exclamou Ursula, demasiado ansiosa, atirando o bordado para o lado e levantando-se de um pulo como para fugir a qualquer coisa, e mostrando assim o mal-estar que a conversa lhe causara. Essa atitude irritou Gudrun.

Ao subir ao andar superior, Ursula examinou a casa, tudo o que a rodeava, com atenção. Detestava aquele ambiente familiar e sórdido! Receou a profundidade do que sentia em relação à casa, ao meio em que se achava, a toda a atmosfera e às condições daquela vida obsoleta. Aquele sentimento assustou-a.

Pouco depois, as duas jovens seguiam em passo rápido pela rua principal de Beldover, uma via ampla, ladeada por lojas de comércio e por casas de habitação, o mais sórdida e desengraçada que se possa imaginar, embora sem traços de pobreza. Gudrun, recentemente chegada de Chelsea e de Sussex, ficou impressionada com a fealdade amorfa daquela aldeola de mineiros nas Midlands. Contudo, lá foi andando pela comprida rua poeirenta e amorfa que atravessava aquela mesquinhez. Sentia-se exposta a todos os olhares. Era estranho que tivesse desejado regressar e sujeitarse a tamanha disforme fealdade! Por que motivo se propusera submeter-se assim à insuportável tortura de tal cenário ignominioso, à presença daquela gente desagradável e feia, naquele desfigurado recanto do interior? Sentia-se como um escaravelho a avançar penosamente sobre a terra poeirenta. Tudo lhe provocava náuseas.

Saíram então da rua principal e meteram por uma espécie de horta comunitária, de cujo solo escuro se erguiam desavergonhadamente talos de couve cobertos de fuligem. Não passava pela cabeça de ninguém ali ter vergonha fosse do que fosse.

— É como um país subterrâneo — comentou Gudrun. — Os mineiros trazem-no cá para cima, à pazada. Ursula, isto é maravilhoso..., é realmente maravilhoso. É outro mundo. As pessoas são todas espíritos e é tudo fantasmagórico. Não há nada que não seja uma réplica fantasmagórica do mundo real, uma cópia, um espírito sujo e sórdido. Estar aqui é o mesmo que estar louca, Ursula.

As irmãs atravessavam agora uma vereda de terra negra e imunda. À esquerda estendia-se uma ampla paisagem, o vale com as minas de carvão e, nas colinas em frente, campos de trigo e bosques, tudo à distância e difuso, como se visto por trás de um véu preto. Naquela sombria atmosfera, elevavam-se, como se fosse magia, densas colunas de fumo branco e negro. Ali perto começavam as longas fileiras de casas que se erguiam em linhas retas seguindo a ondulada fralda da colina. Eram de tijolo vermelho que a fuligem tratara de escurecer, com telhados de ardósia negra. O carreiro por onde as irmãs seguiam era negro, marcado pela passagem contínua dos mineiros e separado dos campos por divisórias de ferro; a cancela que dava novamente acesso à rua estava reluzente devido ao roçar constante do fato dos mineiros. Naquele momento, as duas raparigas passavam por algumas casas de aspetto miserável. Aí, mulheres, com os braços cruzados sobre os aventais de pano grosso, entretidas a falar da vida alheia, olharam as irmãs Brangwen como fazem os naturais da região quando passam forasteiros. As crianças proferiam insultos.

Gudrun continuou o seu caminho um tanto aturdida. Se aquilo era a vida humana, se aqueles eram seres humanos, que habitavam um mundo normal, então o que seria o mundo em que ela própria se movia, nos antípodas daquele? Estava demasiado consciente da roupa que levava vestida: meias verdes, chapéu de veludo verde com abas largas, casaco grosso e macio, de um azul-forte. Sentia como se caminhasse sem que os seus pés tocassem no chão, instável e de coração apertado, como se, de um momento para o outro, pudesse cair. Tinha medo

Arrimou-se a Ursula, que, por força do hábito, já parecia imune aos horrores daquele mundo sombrio, irreal e hostil. Mas a sua alma não deixava de clamar, como no meio de um suplício: «Quero voltar para trás, quero ir-me embora, não quero saber que isto existe.» No entanto, tinha de prosseguir:

Ursula percebeu o sofrimento da irmã.

— Detestas isto, não é verdade? — perguntou.

— Desnorteia-me — murmurou a outra.

— Também não ficarás cá muito tempo.

E Gudrun continuou a andar, desejosa de se ver livre de tudo aquilo.

Afastaram-se da zona das minas de carvão, subiram a colina e adentraram-se no campo, mais puro, do outro lado, na direção de Willey Green. Apesar de tudo, os vestígios de carvão persistiam nos campos e nos outeiros

arborizados, conferindo ao ar um brilho sombrio. Era um dia de primavera, frio, iluminado aqui e ali por raios de sol. Entre as sebes surgiam celidónias amarelas e nos jardins das casas de Willey Green as groselheiras mostravam as primeiras folhas, e nas trepadeiras que pendiam dos muros de pedra despontavam, aqui e ali, pequenas flores brancas.

Ao dobrar uma esquina, desembocaram na estrada que passava por entre altos taludes e conduzia à igreja. Aí, numa volta do caminho, viram, sob as árvores, um pequeno grupo de pessoas que esperavam para ver o casamento da filha de Thomas Crich, o principal proprietário das minas, com um oficial da Marinha.

— Voltamos para trás — disse Gudrun, afastando-se. — Estão ali tantas mulheres!

Ficou hesitante, parada no meio da rua.

— Não te preocipes — sossegou-a a irmã. — Todas me conhecem. Não importam.

— Mas temos de passar por entre elas? — indagou Gudrun.

— Acredita que são boas pessoas — declarou Ursula, tomando a dianteira.

As duas irmãs aproximaram-se daquele grupo de gente simplória, inquieta e curiosa. Eram principalmente mulheres, esposas de mineiros, de aparência muito pobre, com faces sumidas e expressão vigilante.

Ursula e Gudrun endireitaram as costas e avançaram para o portão. As mulheres afastaram-se apenas o suficiente para as deixar passar, e mostraram má cara por terem de lhes ceder terreno. As irmãs atravessaram em silêncio o pórtico de pedra e subiram os degraus atapetados de vermelho, onde um polícia as contemplava.

— Quanto teriam custado as meias? — disse alguém, mesmo atrás de Gudrun.

A jovem viu-se tomada por uma raiva súbita, violenta e assassina. Gostaria de aniquilar toda aquela gente, de limpar o lugar para que o mundo ficasse livre delas. Detestava ter de fazer aquele trajeto, de subir a escadaria e de pisar a passadeira encarnada, sempre debaixo dos olhares dos outros.

— Não entro na igreja — declarou de repente, e num tom tão decidido que Ursula deteve-se, e depois, girou e dirigiu-se para um caminho lateral que conduzia à pequena porta privada da escola primária, cujos terrenos pegavam com os da igreja.

Mal passaram o portão do matagal da escola, Ursula sentou-se por instantes no muro baixo, à sombra dos loureiros, a descansar. Atrás dela elevava-se majestosamente o edifício de tijolo rubro da escola, com as janelas todas abertas por se tratar de um período de férias. Sobre os arbustos, diante delas, surgiram os telhados pálidos e a torre da velha igreja. As duas irmãs estavam ocultas pela folhagem.

Gudrun sentou-se, em silêncio, de lábios apertados e cara desviada. Estava amargamente arrependida de ter voltado. Ursula fitou-a e pensou o quão a irmã era bela, corada pela irritação; mas notou, também, como aquela atitude de desânimo a perturbava, a si, causando-lhe um certo cansaço. Preferia estar só, livre da presença rígida de Gudrun.

—Ficamos aqui? — perguntou esta.

— Queria apenas descansar um minuto — explicou Ursula, levantando-se como se tivesse sido repreendida. — Vamos para a esquina do campo de jogos e de lá veremos tudo.

Nesse momento, a luz brilhava sobre o adro da igreja. Pairava um vago aroma a seiva e a primavera, e talvez a violetas, oriundo das sepulturas do cemitério. Viam-se margaridas brancas abertas, brilhantes como anjos. E as folhas de uma faia dourada exibiam a sua coloração vermelho-sangue.

As carroagens começaram a chegar às onze horas em ponto. A multidão junto à porta agitou-se, e rodeou uma carroagem; os convidados subiram os degraus atapetados que iam dar à igreja. Todos estavam felizes e animados porque o sol brilhava.

Gudrun observou-os atentamente, com uma curiosidade objetiva. Viu cada um como uma figura completa, como a personagem de um livro, como o motivo de um retrato ou como uma marioneta num teatrinho; uma criação acabada. Dava-lhe imenso prazer considerar-lhes as diferentes características e pô-los no ângulo certo e sob a luz mais favorável, fixando-os assim de forma definitiva enquanto passavam diante dela, a caminho da igreja. Conhecia-os bem, já os descrevera e catalogara, para uso próprio. Não havia nenhum que tivesse algum segredo que ela não descobrisse e percebesse. Foi então que chegaram os Criches, e o interesse de Gudrun aumentou. Ali estava qualquer coisa não inteiramente pré-concluída.

A primeira a aparecer foi a mãe, a Sra. Crich, com o filho mais velho, Gerald. Era uma mulher de aspetto estranho e desgrenhado, apesar dos esforços que evidentemente fizera nesse dia para se mostrar à altura da ocasião. Tinha as faces pálidas, amarelecidas, a pele clara e transparente,

as feições muito acentuadas e perfeitas; o olhar, abstrato, parecia nada ver; caminhava inclinada, e os cabelos descolorados saíam-lhe do chapéu de seda azul e flutuavam por cima do casaco da mesma cor. Parecia uma mulher dominada por uma qualquer monomania, quase furtiva e demasiado orgulhosa.

O filho era loiro, queimado pelo sol, de estatura acima da média, bela fisionomia e quase exageradamente bem vestido. Mas também havia nele algo de estranho e reservado, um resplendor inconsciente, como se não pertencesse à mesma criação que as pessoas que o rodeavam. Gudrun fixou-se nele de imediato. O estilo nórdico de Gerald atraiu-a. Na sua pele clara e nos cabelos loiros brilhava uma luz como a do Sol refletida através de cristais de gelo. E tinha um aspetto novo, inexplorado, puro como o de um ser do Ártico. Devia ter uns trinta anos, ou mais. A sua beleza resplandecente, a sua virilidade, como a de um lobo juvenil, satisfeito, brincalhão, não a cegou para a natureza perigosa daquele modo de ser, para a ameaça iminente daquele carácter insubmisso. «O seu tótem é o lobo», repetiu para si mesma, «e a mãe é uma loba velha e selvagem.» E, logo de seguida, experimentou um verdadeiro paroxismo, um arrebatamento puro, como se tivesse feito uma descoberta incrível, desconhecida de toda a gente. Foi tomada por um estranho êxtase, e pelas suas veias correu uma seiva dolorosa e violenta. «Meu Deus!», exclamou no seu íntimo: «O que é isto?» E, depois, já dizia com mais convicção: «Conhecerei melhor esse homem.» Torturava-a o desejo de o voltar a ver, uma espécie de nostalgia, uma imperiosa necessidade de o contemplar de novo, de se certificar de que não houvera engano, de que não se iludira, que sentira de facto aquela estranha e avassaladora sensação por causa dele, aquele conhecimento dele na sua essência, essa dominadora percepção. «Estarei *realmente* marcada, de alguma maneira, para ele? Haverá, na verdade, uma luz pálida, ártica e dourada que nos envolve somente aos dois?» Pensava nisso, mas não podia acreditar, e mal tinha consciência do que se passava à sua volta.

As damas de honor já ali estavam, mas o noivo ainda não tinha chegado. Ursula perguntou-se se por acaso haveria alguma coisa de errado, se o casamento não iria realizar-se. Sentia-se preocupada, como se fosse ela a responsável. Enquanto as primeiras damas de honor subiam os degraus, Ursula observou-as. Conhecia uma delas; uma mulher alta, vagarosa, pouco simpática, de cabeleira loira e farta, rosto pálido e comprido. Era Hermione Roddice, amiga dos Criches. Aproximava-se, de cabeça

levantada, equilibrando um enorme chapéu de veludo amarelo-claro, no qual se agitavam penas de avestruz com duas colorações, cinzentas e naturais. A criatura avançava num estado de semiconsciência e com o nariz erguido para o céu, a fim de não ver ninguém. Era rica. Envergava um vestido de veludo sedoso e frágil, do mesmo tom de amarelo do chapéu, e segurava um ramo de pequenos cíclames cor-de-rosa. Os sapatos e as meias eram de um cinzento-acastanhado, como as plumas do chapéu. O cabelo era pesado e a mulher mal mexia os quadris, num estranho movimento que parecia involuntário. Impressionava com aqueles tons de amarelo e de castanho-claro, mas, ao mesmo tempo, era macabra e repulsiva. Quando ela passava, as pessoas guardavam silêncio, impressionadas, animadas, desejando troçar dela, porém, por alguma razão, permaneciam em silêncio. Aquele rosto comprido e branco, que ela erguia, um pouco à maneira de Rossetti, quase parecia drogado, como se uma estranha massa de pensamentos se enovelasse na escuridão do seu interior e ela não conseguisse escapar dessa prisão.

Ursula contemplou-a, fascinada. Conhecia-a vagamente. Era a mulher mais importante das Midlands. O pai, proprietário no Derbyshire e baronete, pertencia à velha escola, ao passo que ela era da nova escola, cheia de intelectualismo, densa, com os nervos arrasados pela consciência do que a rodeava. Mostrava um apaixonado interesse pelas reformas e entregava-se, de alma e coração, aos problemas sociais. Mesmo assim, continuava a ser uma mulher a mover-se num mundo de homens.

Ligara-se em intimidade espiritual e mental a diversos homens de grande valia. Desse meio, Ursula conhecia apenas Rupert Birkin, inspetor escolar do condado. Gudrun, porém, conhecera outros, em Londres. Como ia, com os artistas seus conhecidos, a casa de um e de outro, tivera já ocasião de conhecer pessoas de reputação e de prestígio. Cruzara-se duas vezes com Hermione, se bem que não tinhham simpatizado uma com a outra. Era estranho tornar a encontrá-la, ali, nas Midlands, onde o seu estatuto social era tão diferente, depois de terem estado em pé de igualdade em casa de vários amigos na cidade. Isso porque Gudrun fizera um certo furor nesse meio e os seus amigos pertenciam à aristocracia ociosa que se mantém em contacto com as artes.

Hermione tinha a consciência de se vestir bem; sabia-se igual, senão superior, a qualquer mulher que encontrasse em Willey Green, e sabia que era bem recebida no mundo da cultura e literário. Podia considerar-se um

Kulturträger, um veículo para a difusão da cultura ideológica. Equiparava-se a tudo o que havia de mais elevado, quer na sociedade, quer na vida do espírito ou da ação, e até da arte, dando-se familiarmente com os mais avançados nesses setores. Ninguém poderia aviltá-la ou divertir-se à sua custa, pois Hermione encontrava-se entre os melhores; os que lhe fizessem oposição estariam muito abaixo dela, tanto do ponto de vista social, como em riqueza, e ainda no domínio do pensamento e da inteligência. Por tudo isso, tornava-se invulnerável. Durante toda a vida, ambicionara ser invulnerável e inatacável, para lá do julgamento do mundo.

No entanto, a sua alma continuava torturada e exposta. Mesmo a caminho da igreja, julgando-se acima da crítica do vulgo, sabendo bem que a sua aparência não podia ser mais perfeita e apurada, de acordo com a última moda, Hermione sofria horrores, apesar da confiança e do orgulho natural, por se saber exposta às ofensas, ao sarcasmo e aos ultrajes. Sempre se sentira vulnerável, como se tivesse uma fissura secreta na armadura que a revestia. Desconhecia o que esta podia ser. Talvez a ausência de uma personalidade forte, de um à-vontade; existia nela um vácuo terrível, uma falta, uma deficiência do ser.

E ansiava por alguém que colmatasse tal lacuna, queria resolver esse problema para sempre. Suspirava por Rupert Birkin. Quando este estava presente, sentia-se completa, achava-se suficiente, inteira. No resto do tempo, era como se pisasse areia, como se a tivessem pendurado sobre um abismo e, apesar de toda a vaidade e arrogância, qualquer criada de temperamento mais robusto, de língua afiada, seria capaz de a lançar a esse abismo sem fundo, bastando a mais leve alusão trocista ou um gesto de desprezo. E, durante todo esse tempo, esta mulher apreensiva e torturada acumulava a sua defesa com novos conhecimentos estéticos, cultura, visões do mundo e filantropia desinteressada. Contudo, nada disso era suficiente para tapar o terrível vazio da sua insuficiência.

Se ao menos Birkin estabelecesse com ela uma união estreita e duradoura, sentir-se-ia segura naquela difícil viagem que era a vida. Ele poderia torná-la completa e triunfante, até sobre os anjos do céu. Se ao mesmo ele o quisesse! Porém, o medo e a dúvida atormentavam-na. Hermione procurava abonecar-se, esforçava-se por atingir aquele grau de beleza e de superioridade que talvez o convencesse. Mas havia sempre uma insuficiência!

A verdade é que ele também era perverso. Tentava mantê-la à distância e, quanto mais ela se esforçava por o atrair, mais o homem a afastava.

Eram amantes, e há tantos anos que isso já durava! Oh, como se tornara desgastante, doloroso! Sentia-se tão cansada! Mas continuava a acreditar em si própria. Sabia que ele pretendia deixá-la, que tentava romper de forma definitiva, e recuperar a liberdade. Hermione, no entanto, ainda tinha fé na sua força para o reter, confiava nos seus conhecimentos. Apesar da cultura de Birkin, ela continuava a considerar-se a pedra de toque da verdade. Precisava apenas daquela união com ele.

E, com a perversidade e a obstinação de uma criança voluntaria-
sa, Birkin esforçava-se por negar e quebrar essa aliança com Hermione Roddice, que, para ele, também significava o ponto mais alto da sua vida.

Ele compareceria na cerimónia, afinal de contas, era amigo do noivo. Já estaria certamente na igreja e vê-la-ia entrar. Ao entrar, Hermione estremeceu de desejo, de nervosa apreensão. Sim, ele devia lá estar, repararia decerto na beleza do seu vestido e perceberia que se esmerara para ele. Compreenderia, sim, iria reconhecer que fora feita para ele, e como ela, a mais importante entre todas, merecia o primeiro lugar. De certeza que aceitaria o seu destino e que não iria renegá-la.

Com esse anseio, que a fatigava, entrou na igreja e procurou-o, virando lentamente a cabeça em todas as direções, enquanto o seu esbelto corpo se agitava e tremia numa ligeira convulsão. Na qualidade de padrinho, era natural que estivesse junto ao altar. Ela voltou a olhar, numa demora que implicava a certeza de o ver.

Todavia, Birkin não estava lá. Abateu-se sobre ela uma enorme tempestade que quase a afogou. Sentia-se tomada por um desespero devastador. Aproximou-se do altar com passos mecânicos. Nunca experimentara tamanha dor, tamanha desesperança. Ultrapassava até a sensação da morte, deixando-a no vazio, abandonada e só.

O noivo e os padrinhos ainda não tinham chegado. Lá fora, a consternação aumentava. Ursula considerava-se quase responsável. Não suportava a ideia de que a noiva estivesse a chegar e o noivo não se encontrasse ali para a receber. O casamento não podia resultar num fracasso. Não podia.

Mas já aproximava a carruagem da noiva, decorada com fitas e laços. Os cavalos cinzentos fizeram a curva em direção à porta da igreja e em todos os seus movimentos havia prazer e satisfação. A porta do veículo abriu-se para deixar passar a estrela daquela manhã. A multidão postada na rua murmurou desiludida quando o pai da noiva se apeou como uma sombra a escurecer o dia. Era um homem alto e magro, com um ar

preocupado e barba negra já com pelos brancos. Esperou pacientemente à porta da carruagem, como que esquecido de si próprio.

Pela porta aberta surgiu então uma profusão de folhas e de flores e uma alvura de cetim e renda, ao mesmo tempo que uma voz alegre perguntava:

— E como é que se sai daqui?

Uma enorme satisfação percorreu todos os mirones que se comprimiram para ver a noiva, admirando com deleite a cabeça loira enfeitada de flores em botão e o hesitante pé delicado e branco que avançava para o estribo da carruagem. Semelhante a uma onda de espuma, ela avançou, e dir-se-ia que flutuava, muito alva, ao lado do pai, na sombra matinal das árvores; e o véu ondulou tal como a sua gargalhada.

— Pronto, consegui! — exclamou a jovem.

Pousou a mão no braço dele, atormentado e pálido, e, depois de ajeitada a roda do vestido, avançou pelo comprido tapete encarnado. O pai, mudo e amarelento, com a barba negra a dar-lhe um aspetto ainda mais angustiado, subiu os degraus muito direito, como se tivesse o espírito longe dali. Apesar disso, o ar risonho da noiva não se desvaneceu.

E nem sinal do noivo! Era uma coisa intolerável. Ursula, de coração apertado pela ansiedade, não desviava os olhos da colina em frente, da estrada íngreme e clara por onde ele seria obrigado a descer. Nesse instante, surgiu uma carruagem e vinha a toda a brida. Acabara de aparecer. Era ele, sem dúvida. Ursula voltou-se para a noiva e para os que a rodeavam e soltou uma exclamação. Queria preveni-los da chegada do noivo, mas o grito que soltara fora quase inaudível, e corou, confusa entre a vontade de comunicar e a vergonha de o fazer.

A carruagem descia a colina aos solavancos e aproximava-se cada vez mais. Um grito elevou-se da multidão. A noiva, que acabara de alcançar o alto da escadaria, voltou-se para saber a causa daquele clamor. Viu a agitação dos espetadores e uma carruagem que parava. Ele apeou-se, contornou os cavalos e meteu-se pelo meio da multidão.

— Tibs! Tibs! — chamou ela numa animação súbita e jovial, agitando o ramo de flores e esticando o busto à claridade do sol. O noivo, que avançava com o chapéu na mão, não a ouvira. — Tibs! — repetiu a jovem, olhando-o do cimo das escadas.

O noivo ergueu os olhos, admirado, e descobriu-a, lá no alto, parada ao lado do pai. Surpreendido, sorriu, hesitou um momento e preparou-se para subir, a fim de a alcançar.

— Ah-h-h! — Chegou o estranho grito da rapariga quando, num movimento instintivo, partiu, apressada, para o interior da igreja, batendo nervosa com os sapatos brancos e fazendo oscilar as saias brancas. Tal como um cão de caça, ele foi-lhe no encalço, saltando os degraus e deixando para trás o pai. Os seus músculos ágeis assemelhavam-se aos de um animal que se lança sobre a presa.

— Isso! Segue-a! — gritaram as mulheres do povo, ao fundo das escadas, animadas com a cena.

A noiva, agitando as flores como flocos de espuma, tomava agora impulso para transpor a esquina da igreja. Olhou para trás e, com uma gargalhada de desafio, virou o corpo, equilibrou-se e desapareceu por trás do contraforte de pedra cinzenta. No instante seguinte, o noivo, inclinado enquanto corria, tocou com a mão na firme e silenciosa cantaria e desapareceu de vista.

Os que estavam reunidos à porta soltaram brados e exclamações. E depois Ursula reparou uma vez mais no vulto sombrio e encurvado do Sr. Crich, que esperava como que suspenso à entrada, observando com ar inexpressivo aquela fuga para a igreja. Como já tinha terminado, o homem voltou-se para trás e os seus olhos pousaram na figura de Rupert Birkin, que se adiantou para lhe fazer companhia.

— Iremos na cauda do cortejo — disse, com um pequeno sorriso.

— É verdade — retorquiu o outro, lacônico. E os dois homens seguiram juntos em direção à igreja.

Birkin era tão magro como o Sr. Crich, e o mesmo se podia dizer no que respeitava à palidez e ao ar adoentado. Apesar de esguio, o corpo era bem modelado. Caminhava arrastando levemente um pé, coisa que se devia à timidez; e, embora estivesse vestido a rigor para a ocasião, exibia uma certa incongruência inata que lhe dava uma aparência um pouco ridícula. Era, por natureza, inteligente e solitário e, por essa razão, nunca encaixava em cerimónias tão convencionais. No entanto, tentava subordinar-se à maioria, travestindo-se.

Aparentava ser uma pessoa comum. E fazia-o de maneira tão exímia, adaptando-se às circunstâncias, ao modo de ser do seu interlocutor e pondo-o à vontade, que, por momentos, isso lhe granjeava simpatias, desarmando os que pretendiam atacar-lhe as singularidades.

Falava agora com desenvoltura e cortesia, enquanto caminhava ao lado do Sr. Crich. Negociava qualquer situação como um verdadeiro funambulista, fazendo de conta estar à vontade.

— Lamento que nos tenhamos atrasado — explicou ele. — Não conseguíamos encontrar o abotoador e por isso demorámos imenso tempo a apertar as botas. O senhor chegou a horas.

— Geralmente somos pontuais — disse o Sr. Crich.

— E eu chego sempre tarde — continuou Birkin. — Hoje seria pontual, se não fosse esse incidente. Peço desculpa.

Os dois homens desapareceram e nada mais de interessante havia para ver. Ursula ficou a pensar em Birkin. Este despertava-lhe a curiosidade, atraía-a e, ao mesmo tempo, irritava-a.

Gostaria de o conhecer melhor. Falara-lhe uma ou duas vezes, mas apenas enquanto oficial de inspetor. Parecera-lhe que Birkin se apercebera da existência, entre eles, de uma qualquer afinidade, de uma espécie de cumplicidade tácita e natural, como se falassem a mesma língua. Todavia, não houvera tempo para desenvolver essa camaradagem. Existia alguma coisa que a chamava para ele e, simultaneamente, a repelia. Birkin revelava uma certa hostilidade, uma reserva oculta, fria, inacessível.

Apesar disso, desejava conhecê-lo melhor.

— O que pensas de Rupert Birkin? — perguntou a Gudrun, com alguma relutância. Não apreciava por aí além discutir esse assunto.

— O que penso de Rupert Birkin? — repetiu a outra. — Acho-o atraente, a sério. O que não tolero nele é a maneira como trata as outras pessoas. A forma como trata, por exemplo, qualquer imbecil com toda a consideração. Uma pessoa sente-se atraíçoadada.

— Porque será que o faz? — indagou Ursula.

— Porque não tem sentido crítico, pelo menos no que respeita às pessoas — respondeu Gudrun. — É como te digo, trata qualquer palerma como a ti ou a mim, e é isso que considero ultrajante.

— Tens razão — concordou Ursula. — Há que fazer distinções.

— Há que as fazer — repetiu a irmã. — Mas, em todos os outros aspetos, é um sujeito maravilhoso. Tem uma personalidade bem vincada. Mas não se pode confiar nele.

— Sim — murmurou Ursula, distraída. Sentia-se sempre obrigada a concordar com as opiniões de Gudrun, embora, no seu íntimo, não as aceitasse.

As irmãs ficaram sentadas, e em silêncio, à espera que o cortejo saísse da igreja. Gudrun não tinha paciência para conversas. Preferia pensar em Gerald Crich. Queria saber se o sentimento tão forte que ele lhe provocara era, de facto, verdadeiro. Queria sentir-se pronta.

Na igreja, prosseguia a cerimónia. Hermione Roddice pensava apenas em Birkin. Estava junto dele e era como se uma força misteriosa a atraísse. Queria tocar-lhe para se certificar de que o tinhaerto de si. No entanto, conseguiu conter-se, atenta ao desenrolar das formalidades.

O atraso dele afetara-a tanto que ainda não se refizera da comoção. A ideia da ausência de Birkin provocava uma espécie de nevralgia que a torturava. Esperara-o dominada por uma vaga tensão nervosa. Ali de pé, com o olhar absorto, pensativa, a sua expressão era quase espiritual, quase angélica. Esse aspetto advinha do sofrimento em que se encontrava e era tão pungente que Rupert Birkin se condoeu. Via-lhe a cabeça inclinada e o rosto arrebatado, num êxtase quase demoníaco. Ao notar que ele a contemplava, Hermione ergueu a cabeça, procurando olhá-lo nos olhos; os dela, cinzentos e belos, cintilavam como a fazer-lhe sinal. Ele, porém, evitou esse encontro, e ela baixou a cabeça, aflita e envergonhada. O tormento continuou a roer-lhe o coração. Birkin também se sentia atormentado pela vergonha, por uma suprema aversão por aquela mulher, pois não queria sentir aquele olhar nem desejava receber aquele brilho em sinal de reconhecimento.

Os noivos estavam casados e os convidados dirigiram-se para a sacristia. Hermione aproximou-se involuntariamente de Birkin, para lhe tocar. E ele não se esquivou.

Lá fora, Ursula e Gudrun escutaram o órgão tocado pelo seu pai. Sabiam que ele gostava de tocar a marcha nupcial. Por fim, o novo casal saiu da igreja ao som dos sinos que ecoava pelo ar. Ursula perguntou-se se as árvores e as flores sentiriam aquela vibração e como reagiriam a esse estranho movimento. A noiva vinha muito recatada pelo braço do noivo, que, de cabeça levantada, olhava para o céu e abria e fechava os olhos, como se não soubesse onde estava. Tinha um aspetto cómico, assim a pestanejar e a tentar fazer parte da cena, quando, na verdade, no plano emocional, enervava o facto de ser obrigado a enfrentar a multidão. Era o típico oficial da Marinha, viril e disposto a cumprir o dever.

Birkin surgiu acompanhado de Hermione. Ela apresentava um ar de triunfo, de arrebatamento, como um anjo caído e logo depois reintegrado, mas ainda com subtis laivos de diabolismo, agora que Birkin a trazia pelo braço. Ele, porém, seguia inexpressivo e deixava-se levar, como se isso fosse o seu destino e ele não o questionasse.

Gerald Crich saiu também, loiro, bem-parecido, saudável e cheio de energia. Caminhava muito direito e orgulhoso. Todavia, através da sua aparência resplandecente, descontraída e até amável, parecia brilhar uma estranha furtividade. Gudrun levantou-se bruscamente e foi-se embora. Não suportava aquilo. Queria estar só, perceber melhor aquela extraordinária inoculação que lhe transformara a própria substância do sangue.